

## Cotidianos e Redes Educativas

*Maria Clara da Gama Cabral Coutinho*

POR LUGARES NUNCA ANTES FREQUENTADOS.

“A vida não é a que vivemos, mas a que lembramos e como a lembramos pra contá-la”

Gabriel Garcia Marques  
(2002)



As fotos ao lado registram o momento de uma turma de EJA – Educação de Jovens e Adultos, visitando uma exposição no CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro.

Uma prática pedagógica comum, visto que “fora da escola também se aprende”, mas nada tão simples quando se trata de alunos de EJA que já possuem em sua história de vida uma rede de lembranças muito complexas tecidas no seu cotidiano. Para realizar uma “aula-passeio”, “trabalho de campo”, “excursão”, ou qual seja o nome da moda hoje em dia, cada aluno de EJA, com idades que oscilam entre 16 e 71 anos, puxa de sua rede de saberes, fios de memórias, muitas vezes não muito agradáveis. Para muitos, há lembranças de constrangimentos vividos em espaços culturalmente privilegiados. Segundo Bourdieu, lembra Nogueira e Nogueira, 2006, cada grupo social, em função de sua posição no espaço social, iria constituindo ao longo do tempo um conhecimento prático sobre o que é possível ou não de ser alcançado pelos seus membros dentro da realidade social concreta na qual eles agem e sobre as formas mais adequadas de fazê-lo. (p.56)

Ao longo de suas vidas, esses alunos teceram redes de saberes em múltiplos espaços, pelos quais passaram em seu cotidiano. Os espaços culturais da cidade faziam e fazem parte do grupo dominante, da elite cultural e econômica da sociedade. Estes espaços, portanto, não estão abertos a este grupo de pessoas para quem, nem mesmo a escola estava acessível. Os espaços culturais e até mesmo a escola eram e são espaços privilegiados dos quais este grupo social é excluído.

Como tratamos aqui de *memória*, lembramos Boaventura de Souza Santos ao dizer que a fórmula burguesa de “todos os homens (sic) são iguais perante a lei” é problemática porque ignora as desigualdades reais geradas pelas relações sociais de dominação que caracterizam as sociedades capitalistas contemporâneas, baseadas em um sistema de troca desigual”, (SANTOS, 2000)

Por sentirem-se excluídos e por terem experimentado vivências em espaços não escolares que prefeririam esquecer, a maioria dos alunos evita passar por um novo constrangimento e deixa de ir a estas atividades. Em geral, apenas 20 ou 30% das turmas de EJA se “aventuram” num passeio. É interessante ver, no entanto, que os que superam seus medos e vencem suas barreiras, vão orgulhosos, arrumados e bem vestidos, em clima de “grande evento”. Para a maioria, é a primeira ida ao teatro, cinema ou espaço cultural. Portanto, mais do que o conteúdo pedagógico do passeio, a sua pertinência curricular (o qual deve ser detalhado e registrado para a direção da escola), o importante é a inserção/inclusão destes alunos em outros espaços dos quais vinham sendo e ainda são alijados.

Práticas emancipatórias como estas, aumentam as possibilidades de inserção social destes alunos em espaços individuais e coletivos. São novos espaços e novas possibilidades de interação social. Este grupo está, portanto, exercitando sua cidadania e refletindo sobre o fato de que existem possibilidades democráticas e emancipatórias para sua inclusão social.

.....

### **Sobre o (a) autor (a):**

√ Maria Clara da Gama Cabral Coutinho: Professora da Fundação Osório, ex-professora de turmas de alfabetização do Programa de Jovens e Adultos da Prefeitura do Rio de Janeiro e integrante do grupo de pesquisa: Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar.